

Colonialidade desencarnada: as fronteiras entre história, memória e literatura na *Teoria geral do esquecimento*, de José Eduardo Agualusa

Guilherme José Schons

Curso de História – Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus* Erechim
guilherme.schons@estudante.uffs.edu.br

Financiamento: Bolsa do Programa de Educação Tutorial (PET/FNDE)

Resumo

O escritor angolano José Eduardo Agualusa definiu o seu livro *Teoria geral do esquecimento*, quando do lançamento em 2012, como uma ficção em contexto histórico real. Diante desse argumento, pretendemos, neste trabalho, analisar as fronteiras entre história, memória e literatura forjadas em tal obra, bem como investigar a constituição de identidades em uma sociedade imersa no contexto pós-colonial. Para tal, a narrativa do romance será cotejada à historiografia do processo de independência e libertação em Angola e aos estudos dos movimentos de elaboração e remissão de passados traumáticos. Nesse exercício, compreenderemos que a personagem Ludo, portuguesa obrigada a viver na África, carrega em si a substância da descolonização – de modo que os impasses de um processo social/político/econômico ganham carne e osso, os quais, ao longo das páginas, definham para que Ludo possa (re)nascê-la angolana. Além disso, perceberemos a manifestação de rechaço ao esquecimento no discurso do texto, uma vez que Agualusa propõe um comprometimento com a redenção, o acerto de contas com o passado. Assim, podemos dizer que a memória seria o que medeia as relações sociais que produzem as identidades. Quando o passado nos persegue e nos atinge, é preciso tomar decisões e Ludo toma a sua: por meio da amizade com o menino Sabalu, se refaz em e com Angola (o seu verdadeiramente “novo” mundo). À vista disso, em última instância, a *Teoria...* é uma convocação para que desencarnemos personalidades, nos livremos de traumas e possamos exercitar identidades outras em diálogo com o mundo que nos invade.

Palavras-chave: descolonização; trauma; remissão; identidade; Angola.

Abstract

Angolan writer José Eduardo Agualusa defined his book *General Theory of Oblivion*, when it was released in 2012, as fiction in a real historical context. Given this argument, we intend, in this work, to analyze the borders between history, memory and literature forged in such article, as well as to investigate the constitution of identities in a society immersed in the post-colonial context. To this end, the novel's narrative will be compared to the historiography of the independence and liberation process in Angola and studies of movements for the elaboration and remission of traumatic pasts. In this exercise, we will understand that the character Ludo, a Portuguese forced to live in Africa, carries within him the substance of decolonization – so that the impasses of a social/political/economic process become flesh and blood, which, throughout the pages, wither away so that Ludo can be (re)born as an Angolan. Furthermore, we will notice the manifestation of rejection of oblivion in the text's discourse,

since Agualusa proposes a commitment to redemption, the coming to terms with the past. Thus, we can say that memory would be what mediates the social relations that produce identities. When the past pursues and affects us, we need to make decisions and Ludo makes hers: through her friendship with the boy Sabalu, she remakes herself in and with Angola (her truly “new” world). In view of this, ultimately, *Theory...* is a call for us to disembodied personalities, free ourselves from traumas and be able to exercise other identities in dialogue with the world that invades us.

Keywords: decolonization; trauma; remission; identity; Angola.

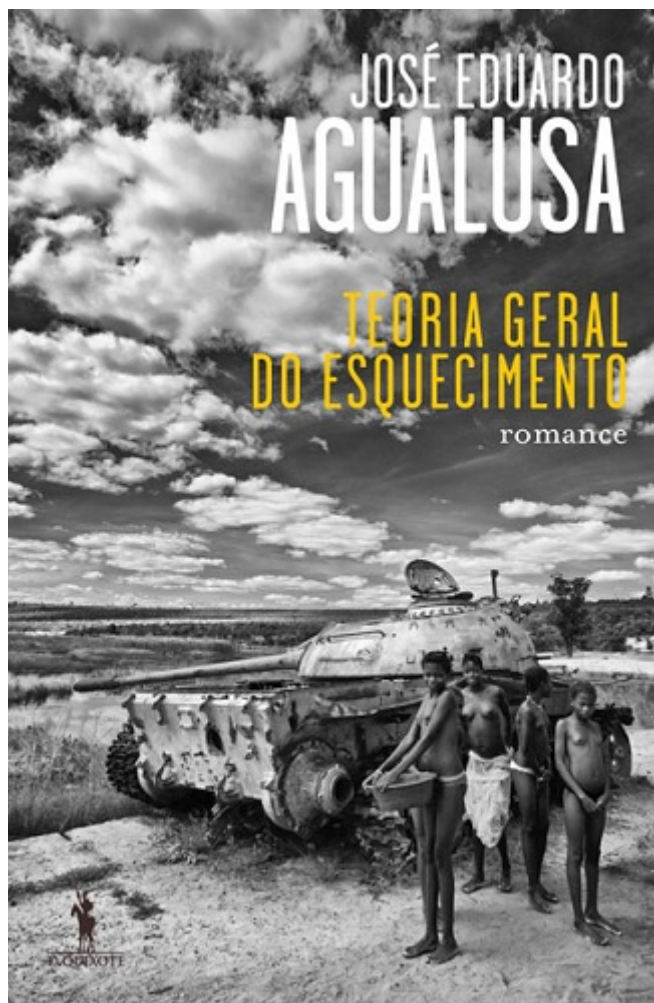
Introdução

Teoria geral do esquecimento, romance escrito pelo angolano José Eduardo Agualusa e publicado em 2012, é um livro sobre a memória. Ao concentrar-se nos (des)caminhos das diversas personagens inseridas na complexa narrativa, o autor pretende que nos direcionemos a uma reflexão sobre o papel e os poderes da lembrança. Indo além: que nos atentemos ao fato de que é a capacidade de rememorar o contato com o outro a responsável pela manutenção da identidade. Se existir é estar no e com o mundo, a história nos mostra que resgatar os contatos – e com isso construir sentidos – fortalece um padrão de auto caracterização. Da mesma forma, mas por outro lado, o tal “esquecimento” é que suscitaria a produção de outras determinações e novos mecanismos de apreensão de si. É sobre isso que Agualusa quer que pensemos – acerca das conexões e dos entrecruzamentos entre as inúmeras reminiscências do passado que nos espreitam, bem como a sua sempre provável emersão.

Ilustração 1 – Capa de edição da *Teoria geral do esquecimento*

VII HISTÓRIA EM DEBATE

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL NATUREZAS E FRONTEIRAS
E VII SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPGH/UFS
ISSN 2675-0635



Fonte: Editora Leya

Na obra, somos convidados a partilhar as sensações e experiências de uma série de personagens no contexto posterior à Independência de Angola. Em todo caso, a trama nos envolve em uma complexa teia de relações – na qual, a compreensão é dada pelo desapego a pré-julgamentos. Isto é: percebemos que o mundo não é monocromático. A realidade é diversa e, portanto, o seu entendimento demanda um compromisso ético com o que nos é alheio.

Em linhas gerais, conseguiríamos sustentar que a *Teoria...* é um solene exercício de alteridade. Com a leitura, nos defrontamos com medos, traumas, angústias, problemas e, também, alegrias de pessoas absurdamente normais. Trata-se de um enredo protagonizado por gente. Afinal, o esforço com a alteridade humaniza.

Esse registro é muito importante. O autor angolano não apresenta pessoas boas ou más. Ele nos convoca a partilhar sentimentos com indivíduos fruto das condições materiais da

VII HISTÓRIA EM DEBATE

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL NATUREZAS E FRONTEIRAS
E VII SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPGH/UFS
ISSN 2675-0635

Angola das décadas de descolonização. Em um espaço marcado pelo conflito por poder – da expulsão dos portugueses à guerra civil travada por grupos rivais pelo controle do aparelho de Estado –, não seria surpreendente a ação do mal. Todavia, Agualusa rechaça veementemente qualquer identidade monolítica. Aliás, esse é um dos aspectos nevrálgicos esboçados: seres humanos se fazem e refazem em relação com o mundo (e, desse modo, com os outros) diante do convívio social e do diálogo e, nesse processo, podem escolher a bondade e a salvação.

Teoria... suscita uma conversa com seres reais. Ludo carrega em si a substância da descolonização – como a narrativa revela, uma trajetória complicada e, por óbvio, longa. Ludo tem a essência das pessoas que tiveram suas vidas marcadas pelo conflito. Contudo, Agualusa é muito cuidadoso. Isso porque, a personagem não é, jamais, reduzida ao papel exclusivo de europeia sofredora com a derrocada do domínio exercido pelo seu país.

Pelo contrário, além disso, ela reverbera em suas atitudes um conjunto de vivências que lhes são individuais. Assim, os impasses de um processo social/político/econômico ganham carne e osso – os quais, ao longo das páginas, definham para que Ludo possa (re)nascer angolana.

Ilustração 2 – Fotografia do autor



Fonte: O Globo

Uma fronteira complexa: história, memória e literatura

José Eduardo Agualusa definiu o livro, quando do seu lançamento em 2012, muito bem. Em entrevista, o escritor aponta que se trata de uma “[...] ficção num contexto histórico real.” (O GLOBO, 2012, on-line). À luz disso, o enredo aproveitaria a realidade, mesmo sabendo que ela é muito mais criativa e complexa. Em outras palavras: o angolano sabe que o mundo rejeita ainda mais identidades simplificadas.

As nossas existências estão situadas em uma articulação plural em que não é viável produzir definições estáticas com base em quaisquer critérios. Nada é surpreendente e as possibilidades estão em aberto. Com isso, Agualusa aceita um único espanto: aquele com o próprio espanto. Fora ele, seria ingênuo delimitar as formas de vida e, no limite, de manifestação das múltiplas identidades.

A história de *Teorias...* é uma referência às ligações estabelecidas por pessoas em uma conjuntura específica. Embora Ludo ganhe destaque, na verdade, a personagem principal do romance é a própria descolonização, a qual ela, entre outras pessoas, personifica. Iniciando, a princípio, no fim da década de 70 (mais especificamente 1975), a trama recusa uma abordagem linear.

O tempo é o psicológico e, sendo assim, o da memória (e o do esquecimento). É a temporalidade dos encontros e desencontros das pessoas reais que habitam aquela ficção. Trata-se do instante em que, no plano macro, Angola luta por autonomia e, no âmbito privado, Ludovica Fernandes Mano (Ludo) se isola com vistas a, apesar de a impressão ser de sobreviver, morrer e renascer.

Ludo, no início das laudas, é uma mulher portuguesa, de Aveiro, que morava com a irmã após a morte dos pais. Quando a irmã se casa com um engenheiro angolano, ela se enxerga obrigada a morar na África. Na viagem, passa muito mal. Lhe causa incômodo e dor a mudança de continente. Sua personalidade é brilhantemente descrita por Agualusa. Ludo não apreciava o externo. Estava fechada para o outro. O sol lhe incomodava e ela somente saía de casa com um guarda-chuva (ou guarda-sol) servindo de proteção para si.

Em Angola, era, em razão das atividades do cunhado, rica. Tinha uma vida confortável em uma cobertura de luxo – o Prédio dos Invejados. De lá, podia deduzir que o “[...] céu da África é muito maior do que o nosso. Esmaga-nos”. (AGUALUSA, 2012, p. 09). A partir

desse trecho, analisamos a construção tecida pelo autor: enquanto portuguesa pouco aberta ao mundo, a geografia africana (muito mais ampla e envolvente) lhe assusta. Ela não está acostumada com a situação e, nessa lógica, tem dificuldade para apreender a realidade ao seu redor.

“Ludo cerrava as vidraças para evitar que o apartamento se enchesse das gargalhadas do povo nas ruas [...]” (AGUALUSA, 2012, p. 09). Ludo era uma portuguesa alheia a Angola e que resistia a qualquer chance de exercer a alteridade. Desde já, ela estava oculta – trancada – ao diferente, ao exterior. O fato é que sua irmã e o seu cunhado precisavam tomar uma decisão. Já Ludo, não. Ela não era um sujeito autônomo, mas estava sempre à mercê das vontades do casal.

Naquela altura, o marido de sua irmã Odete ainda não queria sair do país, já que se identificava com a luta por liberdade e autonomia. Ele se considerava um angolano. Porém, punha-se em oposição a um possível caráter socialista da independência – gostava das suas propriedades privadas que consistiam, evidentemente, em um privilégio calcado, inclusive, na exploração colonial sobre seus, imaginava ele, compatriotas.

Enquanto a revolução entrava em casa pelo rádio – com falas pelo poder popular e o fim dos 500 anos de exploração –, Ludo sonha. Ao dormir, imagina que, abaixo de si, existiria uma rede de túneis em que pessoas viveriam. Um homem lhe diz “O nosso céu é o vosso chão.” (AGUALUSA, 2012, p. 11). Ora, desde esse momento, está exposto o cenário de dominação/resistência entre Portugal e Angola. A chave para compreensão dos infortúnios no país africano é a riqueza do colonizador.

O céu que Ludo considerava amplo não era para todos. Durante a colonização, os angolanos não tinham contato com essa imensidão. Eles eram obrigados a olhar para baixo. Afinal, acima eram pisados pelos exploradores contra os quais se revoltaram e venceram em 1975. Aquele prédio onde morava Ludo só podia ser “invejado” graças ao sangue, ao suor e às lágrimas dos/as trabalhadores/as angolanos/as. Porque o céu dos angolanos era pisoteado pelos portugueses, a amplidão vista por Ludo no horizonte era manchada de vermelho. Por trás de toda a riqueza, havia muita barbárie.

A descolonização em páginas

Tendo em vista o momento revolucionário que ameaçava a burguesia portuguesa (da qual o cunhado de Ludo era sócio na exploração de Angola), o casal decide que os três deveriam fugir. Ou melhor: como Agualusa mostra, é necessário ressaltar que a saída do país era vista pelos colonizadores como uma despedida após lucrativos negócios. No entanto, um problema acontece. Eles haviam esperado muito para deixar o local. Os conflitos já estavam instaurados e, àquela altura, uma série de indivíduos se aproveitavam da ausência de leis para saquear os poderosos. Por possuir diamantes, o casal sofre um assalto e morre. Em paralelo a isso, os ladrões se direcionam para o apartamento em que Ludo estava para apossarem-se de mais pedras preciosas e outros bens.

Com “[...] aquilo que os homens se matavam.” (AGUALUSA, 2012, p. 14) em mãos – uma arma – ela leva o bandido à morte depois de ninar uma canção. Enterra o corpo no jardim da cobertura e aproveita os materiais de construção presentes no apartamento para erigir uma parede a separando de Angola. Ludo rechaça qualquer exercício de alteridade e se tranca na sua identidade portuguesa. Afinal, “Sou estrangeira a tudo, como uma ave caída na correnteza de um rio.” (AGUALUSA, 2012, p. 23).

A partir disso, convém ressaltar o quão interessante pode ser a inquirição de *Teoria...* por meio da percepção da mudança do relacionamento de Ludo com o mundo durante o seu processo de renascimento e, portanto, descolonização. Nessa altura da história, ela ainda se via como mais próxima do seu cachorro albino, um pastor alemão – raça historicamente usada pelos portugueses para fins de repressão policial – do que dos angolanos dos quais havia se separado física e arquitetonicamente.

Chamado Fantasma, o cão é o ser com o qual ela, enquanto portuguesa, mais se identifica. Isso porque, compreende, a essa altura, as pessoas de Angola como atrasadas e selvagens – em uma postura tipicamente etnocêntrica. Com uma dispensa cheia, aquela seria a oportunidade para Ludo pensar e se (re)compor. Haveria muito tempo para isso. E ela sabia desse fato.

Em seu diário, Ludo nota que os conflitos pela independência teriam cessado em 1976. Após esse ano, o tempo – antes, de uma revolução – teria desacelerado. Em Angola, um país independente, o caráter socialista do governo estaria em disputa. Anos depois, a influência

soviética cairia. Isso, não sem um conjunto de divisões, rixas, perseguições e mortes dentro do Partido. Mais uma vez, Agualusa nos faz refletir sobre a complexidade das relações políticas conduzidas por gente – com vontades e amores pelo poder, mas também com convicções e disposição de luta e enfrentamento.

Nada é simples – nem o silêncio (onde nunca há propriamente silêncio) em que Ludo se isolara. Havia muito a ser dito e a ser (re)construído em Angola. Inclusive, as pessoas – e, dessa forma, também a portuguesa (ou melhor: a, por enquanto, portuguesa). Em que sentido uma revolução socialista por independência em um país africano força a elaboração e o diálogo entre identidades? Como lidar com a diversidade que obriga a manifestação da alteridade? O que esquecer e o que lembrar em procedimentos de morte e renascimento de identidades? É sobre isso a *Teoria...* do grande Agualusa.

Sob essa perspectiva, trata-se de um livro sobre as mudanças em nível de percepção dos indivíduos em relação às coletividades e tendo em vista situações de transformação social. Nesse sentido, Ludo opta pela reclusão com vista à produção de novas elaborações sobre si. Foi um tempo destinado à queda de uma personalidade para que outra pudesse vir à tona. A personagem toma distanciamento das demais pessoas da trama por vinte e oito anos de modo a propiciar uma reconexão com o mundo através do emudecimento de sua alma portuguesa.

É profícuo analisar a ligação formada entre Ludo e o macaco Che Guevara – símbolo da revolução que modificava radicalmente a vida dela. Segundo a própria, ela não morreria enquanto o animal estivesse vivo. Ora: no desenrolar da narrativa, Ludo mata Che Guevara e come a sua carne. Isto é, na luta por sobrevivência, ela abre caminho para a própria morte. De qualquer forma, paradoxalmente, quem morre é a portuguesa. Assim, haveria margem para um interregno.

Algumas páginas adiante vem a informação: Ludo pensou em “[...] Aveiro e compreendeu que deixara de se sentir portuguesa. Não pertencia a lado nenhum.” (AGUALUSA, 2012, p. 48). Ludo portuguesa está morta. Ela definhava de fome e, para poder morrer e renascer para uma nova identidade, mata Che Guevara – marco do socialismo. Nesse ponto, é preciso notar que, além da existência do animal, ela considerava como aspecto necessário à sua existência a manutenção de uma antena como rebelde.

Como descrito, do alto da cobertura do Prédio dos Invejados, conseguia-se enxergar uma série de antenas viradas para o norte – à exceção de uma, inclinada para o sul. Em certo

momento, todas passam a estar na mesma direção. É nesse instante que Ludo mata o macaco. Ou seja, quando ela já não exerce mais a identidade portuguesa e, portanto, pode desencarnar a colonialidade. Com isso, inclusive, a antena volta a ser rebelde – situando o momento em que a personagem está sem rumo e expatriada.

Entre Ludo e Sabalu: uma nova Angola

Na continuidade da história, Agualusa nos leva a uma reflexão sobre os sentidos da independência (e da revolução) em Angola. Ao nos mostrar outras pessoas imersas naquela conjuntura, o autor fomenta uma investigação mais ampla sobre os caminhos trilhados por aqueles que se encontravam na superação do passado de dominação pela metrópole europeia.

Chama a atenção o trecho da *Teoria...* em que o escritor fala por meio de uma angolana: “Discursos não alimentam.” (AGUALUSA, 2012, p. 56). Desse jeito, haveria um interesse exclusivo pelas revoluções que iniciassem por sentar o povo à mesa e prover comida. Que independência foi essa no país que, afinal, não colocou fim à fome?

Com base nisso, Agualusa faz menção à derrocada do caráter socialista da libertação angolana. A burocratização do Partido e a recusa a quaisquer oposições internas levaram ao comodismo e à ânsia por poder dentro do aparelho de Estado – sem que se tivesse como objetivo a sua completa destruição. Ademais, como escrito, são mudanças individuais que, longe de comprometerem a viabilidade da utopia inicial, nos fazem matutar sobre a complexidade de um processo como esse por um fator muito básico: ele envolve gente de carne, osso e muitos sentimentos.

Retomemos a discussão tecida nos primeiros parágrafos deste texto: Agualusa insere a sua narrativa em um espaço alheio às dicotomias clássicas. Não se trata de abordar a personalidade de indivíduos bons e maus. Pelo contrário, precisamos situar o colapso das chances de democracia socialista no bojo das dificuldades de sua concretização em meio a um cenário de disputas primordiais. Aquém de rejeitarmos a experiência, deveríamos aprender com ela objetivando continuar com o problema.

Ludo passa a uma radical e contínua reelaboração. Quase cega, encontra os acertos nos erros. Insere-se em outro regime temporal: dedica horas à tentativa de leitura de uma página. Compõe novas interpretações a partir dos desvios. Tenta reler em outras chaves identitárias os

seus livros que ainda não havia queimado para cozinhar. Além disso, ela registra as suas sensações e frases literárias nas paredes do apartamento. Tendo o carvão como instrumento, verbaliza nas paredes do Prédio dos Invejados.

Vai guardando sentenças e se (re)fazendo. Ludo perde o cachorro Fantasma e está entregue à maior solidão. Inclusive, a de si própria – já que a portuguesa estava morta. Em todo caso e em paralelo a isso, esse é o momento oportuno para que ela pudesse estabelecer conexões com Angola. Contudo, isso somente seria viável através do desaparecimento do eurocentrismo. A colonialidade desencarnara e talvez “[...] a isto se possa chamar morrer.” (AGUALUSA, 2012, p. 61).

Angola encontra Ludo. Ou melhor: o menino Sabalu encontra uma senhora em um corpo sem identidade e passa a alimentá-lo – com comida, palavras e convívio. Entrando na cobertura por um andaime, a criança – com uma trajetória de vida muito difícil e carimbada pelos desencontros da luta pela independência – é a esperança de uma nova identidade na exporuguesa (agora em avançado estágio de descolonização).

Vindo do Planeta Fome, Sabalu permite que Ludo constitua relações com o diferente – tendo em mente que, agora, tudo lhe é distinto. Sabalu viola o isolamento de Ludo e a convoca a um exercício de alteridade. Avó e neto – a partir de então – passam a criar memórias, tema sobre o qual, sem dúvidas, Agualusa se debruça.

Entretanto, surge um problema: os andaimes são removidos e, dessa forma, Sabalu não conseguiria mais acessar a rua para comprar mantimentos. Executa-se, à luz disso, a ação-limite: a parede que isolava a agora expatriada (em processo de africanização) de Angola e do resto mundo é derrubada. Ludo estava, com isso, aberta a novas experiências. E, de repente, tudo acontece. O passado vem à tona e era urgente debater sobre o que seria lembrado e o que deveria ser esquecido. Em meio a tantas descobertas e encontros nas surpreendentes páginas finais, um ponto merece destaque.

Ludo reencontra uma filha da qual havia sido separada por ser fruto de um estupro. A filha queria levar a mãe a Portugal. Mas, isso não acontece. Por que motivo? Ludo não é mais portuguesa. Ludo é angolana. Após vinte e oito anos de isolamento, uma identidade morreu. E com dias de contato com Sabalu outra nasceu. “Filha, esta é a minha terra. Já não me resta outra.” (AGUALUSA, 2012, p. 128). Além do mais, ela ainda relata que, por possuir a visão periférica, bastaria que Sabalu lhe lesse alguns livros para que ela pudesse ser feliz.

Considerações finais

Aproximando-nos do encerramento deste trabalho, convém debater os significados do que seria o esquecimento. Na cena em que tudo é revelado após a quebra da parede, Ludo defende que ela e o homem que levou sua irmã e o seu cunhado à morte pratiquem o esquecimento – prática que ela já vinha fazendo com a existência da filha. Apesar disso, ele rechaça a ideia. Seria preciso comprometimento com a redenção – jamais com a rendição que o esquecimento propiciaria. Esquecer seria morrer.

Em todo caso, foi exatamente isso o que Ludo fez: ela morreu enquanto portuguesa. Da qualquer forma, as marcas ficam. Afinal, viver é escolher o que recordar. E essa é uma seleção fundamental. Assim, podemos dizer que a memória é o que medeia as relações sociais que forjam as identidades. Quando o passado nos persegue e nos atinge, é preciso tomar decisões e ela toma a sua: se refaz em e com Angola (o seu verdadeiramente “novo” mundo).

Diante do que foi apresentado, precisamos inferir que Agualusa é um autor espetacular. Ao debater temas caros a historiadoras e historiadores como memória e esquecimento e ao inseri-los em um quadro como o da descolonização angolana, faz uma operação extraordinária – mas, que não é novidade.

Em *O vendedor de passados*, o escritor já esboça talento para nos fazer pensar sobre o assunto. Ambos os livros merecem ser lidos por um público absolutamente amplo, sem qualquer restrição. Temos muito o que aprender. Inclusive, pela sua provocação: não seríamos nós um conjunto de Ludos? Do que nos afastamos e o que recalamos e reprimimos?

À vista disso, em última instância, a *Teoria...* é uma convocação para que desencarnemos personalidades, nos livremos de traumas – na redenção das memórias – e possamos, assim, exercitar identidades outras em diálogo com o mundo que nos invade. Eis um livro memorável.

Referências

AGUALUSA, José Eduardo. **O vendedor de passados**. Rio de Janeiro: Leya, 2004.

_____. **Teoria geral do esquecimento**. Rio de Janeiro: Leya, 2012.



VII HISTÓRIA EM DEBATE

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL NATUREZAS E FRONTEIRAS
E VII SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPGH/UFS
ISSN 2675-0635

O GLOBO. **José Eduardo Agualusa fala sobre ‘Teoria geral do esquecimento’**. 2012.
Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/jose-eduardo-agualusa-fala-sobre-teoria-geral-do-esquecimento-474309.html>. Acesso em: 20 ago. 2021.